

**EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA DA COR-
POREIDADE.**

* Silvino Santin

A Filosofia desenvolve um gênero específico de raciocínio, e lança mão de um número mais ou menos ilimitado de recursos, através dos quais é possível ter acesso aos mais variados assuntos e às mais complexas questões do mundo humano.

Torna-se indispensável, antes de se iniciar estes raciocínios filosóficos, externar duas preocupações muito pertinentes especialmente a quem não tem o hábito do discurso filosófico. A primeira preocupação consiste em saber que tipo de abordagem a Filosofia pode operacionalizar a partir do tema Educação Física e Desportos. A segunda preocupação refere-se ao tipo de contribuição que essa abordagem poderá proporcionar aos agentes da Educação Física. Levando em consideração estas duas preocupações pode-se partir da análise dos possíveis caminhos que possibilitam a abordagem filosófica introduzindo-nos nos méritos do tema proposto.

1 - O caminho da linguagem.

O caminho da linguagem conduz às palavras do título e permite analisá-las sob vários ângulos. É óbvio, mas interessante lembrar que nenhuma palavra é empregada gratuitamente. Na explicitação do tema é feita por três termos e um elemento copulativo: Educação Física e Desportos. Pode-se analisar as categorias gramaticais a que pertencem e as funções que exercem. Sabe-se que estas palavras, como qualquer outra linguagem, possuem funções próprias e semânticas estabelecidas, mas também têm um emprego e uma semântica dirigida. Elas constituem um conteúdo e uma intencionalidade bem determinada. Elas nos situam dentro de um contexto antropológico, social e educacional. Há, nelas, uma proposta prática a ser executada. As palavras estabelecem limitações e distinções.

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia e Psicologia da UFSM. Mestre e Doutor em Filosofia.

2 - O CAMINHO EDUCACIONAL

Pelo caminho educacional chega-se às questões básicas do que se pode ou se deve entender por educação física. Educar quem? O homem. Mas que homem? Todo o homem ou apenas o corpo? Educar o corpo sob que aspecto? O que se pretende ensinar com educação física? Treinar é educar? Movimentos, performances, rendimentos devem ser os resultados da educação física? E os desempenhos existenciais ou a expressividade corporal devem merecer atenção?

3 - O CAMINHO ANTROPOLÓGICO

Os estudos de antropologia nos propõem uma reflexão sobre as funções e a importância da Educação Física. A Educação Física deve ser encarada como uma atividade voltada para o indivíduo no exercício de seu desempenho físico apenas, ou num contexto mais amplo de atividades e relações sociais? Em poucas palavras, qual o espaço e o sentido da Educação Física para a vida individual e social? Como fica o desenvolvimento dos valores humanos? Que importância e que conseqüências surgem com a inclusão do princípio de competição nas atividades desportivas?

4 - O CAMINHO INSTITUCIONAL

Como está situada a Educação Física, em primeiro lugar, nas instituições educacionais, e, em segundo lugar, nas instituições esportivas e de lazer? Por que a Educação Física fica, dentro das escolas, mais ou menos estanque às demais atividades educativas? Ela aparece como um acréscimo ou um apêndice do projeto educacional escolar. Alguns alunos ou estudantes são dispensados. Por quê? Não haveria, na Educação Física, espaço para esses indivíduos? E no desporto, a educação física tem a função exclusiva de proporcionar ao atleta rendimentos?

Temos aqui quatro grandes acessos para, através deles, introduzir e desenvolver a reflexão filosófica no espaço delimitado pelo tema: Educação Física e Desportos. Não há possibilidade de se tratar com detalhes todos os aspectos. Para que a abordagem seja

mais abrangente possível e também mais significativa, podemos fazer uma síntese dos quatro caminhos indicados, construindo uma reflexão teórica, tendo como base alguns componentes antropológicos e determinadas linhas filosóficas. Como esforço de contribuição, vamos delinear um espaço situado entre pontos extremos para, caso queiramos, traçar certas estratégias e definir opções em vista de uma pedagogia educativa.

I - COMPONENTES ANTROPOLÓGICOS

É fundamental, embora repetitivo, dizer que nenhuma prática está desvinculada de um referencial teórico. Toda prática vem iluminada e inspirada por uma compreensão da realidade. Pode acontecer que este referencial teórico ou esta compreensão permaneçam ocultos, mas nunca ausentes. Há, portanto, na prática atual da Educação Física componentes antropológicos determinantes das práticas educativas. O que quer dizer que há uma compreensão de homem como fundamento teórico para a prática da Educação Física e de uma pedagogia educativa.

Outro aspecto que se deve lembrar, neste momento, é a dificuldade que surge para se identificar o referencial teórico e suas implicações com as atividades práticas. Esta dificuldade pode ser creditada, em parte, ao fato de que o mundo atual sofre de uma certa esquizofrenia, que se manifesta numa separação entre o discurso e a prática. Fala-se sobre paz, mas se pratica a guerra. Fala-se de prioridade dos valores humanos, mas se põe em prática, em primeiro lugar, os elementos econômicos. Em educação, facilmente se insiste num discurso que acentua a primazia do indivíduo, de sua originalidade, de suas características pessoais e, portanto, implicaria uma prática educativa alicerçada sobre as diferenças. Praticase, porém, o inverso. Reduz-se o homem ao homogêneo, ao coletivo e às semelhanças. Fala-se do homem como um todo, mas cria-se uma nomenclatura em que o homem é sempre apresentado dividido em duas parcelas, uma psíquica e outra física. A educação adjetivada com o termo "física" mostra que deve haver outro gênero de educação que não é física. Isto mostra que o discurso unitário sobre o homem se distancia da prática, que é dualista. O homem pode ser tra

tado só fisicamente.

Quando se diz: "Educação Física e Desportos" aproxima-se a expressão Educação Física ao termo Desportos. O copulativo "e" indica uma relação, em que as duas realidades podem estar juntas e unidas. Isto significa dizer que a Educação Física está dirigida para a prática dos desportos. Esta direção para o desporto não inclui, necessariamente, que seja dirigida para o bem estar ou o equilíbrio orgânico do indivíduo, mas sugere, mais seguramente, a idéia de performance e de produtividade exigidas para a prática de determinada modalidade desportiva. Percebe-se, novamente, a desvinculação de um discurso falando de uma educação para o homem, como é de se esperar de toda a atividade escolar, de uma prática que visa o maior grau de rentabilidade na produção de energia e de impulsos. Os estudos e os resultados da biomecânica aplicados à Educação Física, apenas como recurso de maior desempenho atlético, constituem-se numa prova clara desta postura educacional esquizofrênica.

II - LINHA FILOSÓFICA OU IDEOLÓGICA

Na Educação Física, além de se determinar alguns componentes antropológicos básicos, pode-se apreender um conjunto de linhas filosóficas ou ideológicas, estabelecidas como suporte e justificativa das atividades educativas.

A Educação Física apresenta-se, inicialmente, como um intermediário entre o indivíduo e um objeto externo a ser alcançado, que se situa fora da própria Educação Física. O exercício ou a prática educativa na Educação Física, pela maneira como é apresentada, não se esgota ou não se plenifica nela mesma, mas busca sua plenitude e mesmo sua razão de ser em outra instância. Essa situação faz com que a educação física seja visualizada por seus cultores como um conjunto de recursos instrumentais. Os exercícios são valorizados na medida em que possibilitam um rendimento exigido para a produção de um desempenho específico, no presente caso, nas atividades desportivas. Será, portanto, a rentabilidade no desenrolar da partida assegurada pelo triunfo, que mostra a importância da Educação Física. Os exercícios são estabelecidos e modificados,

não em função do indivíduo ou de uma situação existencial, mas em função da modalidade do esporte praticado. Isto porque, tais exercícios físicos deverão garantir, em primeira instância, a participação no jogo e, em segunda instância, deverá alcançar a vitória. Esta vai dar a avaliação absoluta do valor da educação física. Vencer é a consagração do valor do exercício físico. O primeiro objetivo é produzir um atleta, mas o objetivo máximo será produzir um vencedor.

O princípio de competição é inspirador de teses filosóficas ou ideológicas decisivas na compreensão da Educação Física e dos Desportos. A necessidade de competir, como ingrediente fundamental da prática dos desportos, fez com que a educação física adquirisse um papel de relevância dentro de toda a prática desportiva e, em especial, em relação aos grandes eventos esportivos nacionais e internacionais. Os bairrismos e nacionalismos são alguns fatos muito conhecidos. Essa situação torna-se ainda mais complexa na medida em que os elementos ideológicos fornecem a tônica dominante dos espetáculos. A competição é apenas a forma de lutar para garantir a supremacia e a dominação de uma ideologia. Assim, a Educação Física visa formar o competidor, melhor, o competidor-vencedor. O bom competidor é o que triunfa, o que se impõe sobre o outro. Competir é empenhar-se até o extremo para chegar ao triunfo. Triunfar não é dar um bom espetáculo, mas é, antes de tudo, vencer o outro. E vencer o outro é dominá-lo, é ser superior. Partindo destas perspectivas, pode-se também observar que, a Educação Física acaba fornecendo aos indivíduos um princípio de superioridade, de ser mais, inclusive sob o ponto de vista racial. Um exemplo claro e histórico é o negro americano Jesse Owens que, na Olimpíada de Berlim, ganhou quatro medalhas de ouro, para o desespero de Hitler e dos defensores da superioridade da raça ariana. É hoje, sob o ponto de vista da nacionalidade que a ideologia se torna mais transparente. Está nitidamente demonstrado que as Olimpíadas são, cada vez mais, dominadas pela imposição da nacionalidade, não sob o ponto de vista racial, mas sob a força da ideologia capaz de produzir o mais alto grau de desenvolvimento.

Pela idéia de competição como estímulo e força para o aguçamento do desejo de vencer, ou mesmo, o dever de vencer, aliada às

imposições dos princípios da supremacia ideológica, o esporte facilmente se transforma num campo de batalha, onde os companheiros não são apenas adversários, mas são visualizados como inimigos a serem destruídos. O jogo torna-se luta e guerra. Não é mais lazer ou diversão, nem espetáculo. O próprio espectador deixa de aplaudir ou vaiar, para se constituir num fanático exigindo a vitória a qualquer preço pelo seu grito de guerra.

Dentro do enfoque dado à competição na Educação Física e Desportos até o presente, é preciso se observar que a idéia de competição não é um comum antropológico, mas um específico cultural. O que significa dizer que a competição não é um elemento presente em todas as culturas humanas. Estudos realizados por antropólogos junto a grupos e comunidades primitivas, inclusive indígenas brasileiros, revelaram que não há, em atividades esportivas ou de outra ordem cultural, princípios de competição. Por exemplo, a corrida dos Toros entre os indígenas xavantes não tem como objetivo máximo estabelecer um vencedor e um perdedor, mas o importante é chegar juntos, portanto, o princípio da superioridade seria substituído pelo princípio da igualdade. Ou então num jogo de futebol, aprendido dos missionários, grupos indígenas do Estado do Mato Grosso, costumam festejar o gol da mesma maneira pelas duas equipes. O gol não é a conquista de uma equipe, mas a festa de todos os jogadores. O gol representa a culminância de um jogo ou de uma jogada bem sucedida. Neste mesmo sentido, Claude Levi-Strauss, num trabalho desenvolvido com um grupo de indígenas da Guiné, os Gahuku-Kama, que também aprendeu o futebol dos missionários, diz que eles "ao invés de procurar a vitória de um dos times, multiplicam o número de partidas de modo que derrotas e vitórias se equilibrem. O jogo não termina quando há um vencedor, como entre nós, mas quando se assegura que não há perdedor" (1978, p. 324). Esta maneira de encarar o esporte traria, sem dúvida, uma filosofia diferente para a pedagogia da Educação Física. Não se trata aqui de lançar um juízo de valor sobre uma ou outra filosofia, mas simplesmente de mostrar que as alternativas são distintas. Colocar o desempenho e a produtividade com base do exercício físico e a competição como fundamento do esporte, conduz a outras linhas filosóficas que geram, por sua vez, outros aspectos determinantes da pedagogia educativa e da

prática esportiva.

Dentro, ainda, do contexto de uma filosofia que impõe como essencial o rendimento dos exercícios físicos surge a idéia do atleta ou do aluno-padrão. Podemos observar, para seguir uma apresentação didática, a presença da idéia padrão em três momentos distintos: na escola em geral, no Curso de Educação Física e no esporte.

A) - Na escola: o aluno, desde o 1º grau até a conclusão do curso superior, precisa preencher certas exigências padronizadas para fazer - de fato estar obrigado a fazer - a educação física. Nas escolas, tanto de 1º e 2º graus como de ensino superior, a idéia padrão não é muito evidente a partir dos alunos, mas ela se torna clara através da padronização dos exercícios e através dos critérios de dispensa da disciplina. Em relação à dispensa os casos são menos frequentes no 1º e 2º graus. No curso superior, há maior frequência. As categorias de alunos dispensados estão definidas pelo Decreto-Lei 69.450/71 na seguinte ordem: militares; alunos com problemas de saúde, em especial deformidade física; alunos de cursos noturnos e com jornada de trabalho de no mínimo 6 horas; alunos com idade superior a 30 anos; e aluna com prole. É importante observar que todos os alunos dispensados são capazes de movimentos e de exercícios físicos, por isto poderiam fazer Educação Física. Ficam excluídos, porque a Educação Física já definiu o seu conjunto de exercícios. Ainda, a Educação Física impõe certas características aos movimentos e, praticamente, não atribui nenhum valor ao aspecto teórico.

B) - No Curso de Educação Física: O Curso de Educação Física impõe um grau de exigências muito mais evidente em relação à idéia padrão. Para se poder cursar Educação Física, deve-se preencher certos requisitos corporais e de performances. Esses requisitos são avaliados por um certo desempenho na execução de alguns exercícios, julgados capazes de garantir um mínimo de aptidão. Dificilmente algum deficiente físico conseguirá acesso. E por que um deficiente físico não poderia fazer o Curso de Educação Física? Não poderia ele, talvez, com maior sensibilidade, trabalhar na educação física dos deficientes físicos em escolas de 1º e 2º graus? Po

de ser que o deficiente físico seja, realmente, incapaz de cursar o Curso de Educação Física e, posteriormente, de exercer a função, por exemplo, de professor de Educação Física no 1º e 2º graus. Não há, porém, nenhum impecilho de se criar escolas de Educação Física para deficientes físicos, assim como existem para deficientes audiovisuais, acontece que na entrada da escola de Educação Física poderia ser escrito: "não entre quem não possuir performances físicas", em imitação à Academia de Platão que possuía em seu frontispício o dizer: "não entre quem não conhecer matemática".

Se o simples fato de cursar a disciplina obrigatória de Educação Física impõem-se certas condições e performances, as exigências, e com razão, deverão ser maiores quando se pretende realizar o curso. A idéia padrão é uma constante e uma evidência. O porte atlético, a capacidade de exercícios e desempenhos físicos caracterizam, via de regra, os alunos e os profissionais da Educação Física. Tal compreensão padronizante coloca-se dentro do contexto da filosofia atual, que impõe a produtividade como elemento prioritário de qualquer empreendimento.

C) - No esporte: o esporte competitivo exige com maior rigor e frequência a padronização. Em cada modalidade de esporte surge o atleta-padrão. Quantos indivíduos foram barrados, inclusive em treinos, por não apresentarem as condições mínimas de semelhança com o padrão. Não é apenas em relação ao porte físico individual que a idéia padrão funciona, mas também em relação ao adversário a ser enfrentado. A importância da altura, da corpulência, do peso, da velocidade, da plasticidade, etc... depende do gênero de esporte, ou da função específica a ser desempenhada no conjunto. É o princípio da produtividade que está em jogo. Dentro destas perspectivas, hoje, são investidos grandes esforços de organização e de melhoria dos Cursos de Educação Física, da disciplina de Educação Física nos diferentes graus de ensino e na projeção da prática de esportes.

III - LIMITES OPCIONAIS

A Educação Física, como as demais atividades educacionais, pode seguir várias linhas filosóficas e pode impor diferentes linhas

de conduta, o que depende de opções previamente assumidas. O leque das possibilidades opcionais é bastante abrangente. Pode-se traçar alguns contornos de horizontes, dentro dos quais é possível se construir várias alternativas.

A nossa herança cultural nos acostumou pensar o homem a partir do espírito, ou da alma, ou da consciência. Desde a antropologia teocêntrica da imagem e semelhança de Deus, através do barro e do sopro da tradição bíblica e da sua continuidade de alma e corpo da doutrina cristã; passando pelo antropocentrismo grego, expresso na psiqué e soma; chegando ao cògito cartesiano do "eu penso, logo existo"; e concluindo com todas as formas e compreensões da oposição entre consciência e corpo, somos sempre levados a pensar o homem dualisticamente. Dentro desta dualidade, o valor nobre e supremo é reservado à parte espiritual; psíquica ou intelectual. A dimensão corpórea só pode ser considerada numa função de serviçal. O corpo, um peso, um impecilho, uma fonte de fraquezas, capaz de animalidades repugnantes. Dentro deste contexto, a nossa pedagogia ocidental - quero explicitamente excluir as pedagogias orientais - insiste em apresentar o corpo como um instrumento apenas, como um objeto de uso para fins mais nobres. Chega-se a conceder ao corpo certas funções que lhe são específicas, apenas quando tem, como finalidade e objetivos, valores superiores. A psiqué ou a alma, a consciência ou a mente usam o corpo como veículo que conduz à perfeição, mas que pode dificultar o bom andamento quando ele não obedece aos ditames espirituais. Esta antropologia está claramente exposta na alegoria da parelha alada de Platão, na ascese cristã e na "mens sana in corpore sano" dos romanos. Aqui, o exercício físico encontra espaço como agente controlador e disciplinador das possíveis revoltas do corpo contra o espírito, ou de sua indolência na execução das tarefas a serviço do bem.

A partir do Renascimento, a idéia religiosa na compreensão do corpo pode ter sido enfraquecida, mas é mantida a inferioridade corporal, pela manutenção do dualismo expresso na antropologia do homem-consciência e da relação mente-corpo. Assim a perspectiva de um corpo serviçal continua, e continuará sempre, na medida em que se mantiver uma antropologia dualista. Traçam-se, apenas, novos contornos. O corpo passa, na atualidade, ao serviço de um ideal de

desempenhos ou performances de dominação e de supremacia ideológica. O corpo, com determinado grau de rentabilidade e reforçado pelo princípio da competição, estará a serviço de uma modalidade de esporte para demonstrar a superioridade da nacionalidade ou da ideologia racial ou política.

Ao se pensar o Curso, a disciplina de Educação Física, ou o esporte, pode-se levar em consideração outros critérios que não colocam como eixo de referência o modelo-padrão. Para isso é preciso substituir a idéia do homogêneo pela idéia do heterogêneo. Isto significa dizer, que o mais importante não são as características comuns e semelhantes, mas sim as diferenças específicas, as características pessoais e as situações existenciais. Cada exercício, cada movimento, cada postura deverão ser determinadas pelo critério do mais adequado à circunstância.

Dentro desta maneira de pensar, pode-se rever os critérios de dispensa da disciplina de Educação Física, do ingresso ao Curso e do modelo-padrão, tanto nos esportes quanto na Educação Física. Para dar seqüência ao raciocínio, pode-se perguntar: por que os alunos não precisam de Educação Física? Ou seriam eles os mais necessitados de uma eficiente Educação Física? As dispensas, com exceção dos militares que se exercitam na caserna, parecem basear-se na filosofia do rendimento, que pressupõe um determinado patamar de padronização. O modelo-padrão é o que oferece as condições ideais para a prática e execução dos exercícios físicos estabelecidos pela disciplina. Quanto mais o aluno atingir o nível do padrão, mais apto será para a prática da Educação Física. Assim, os alunos que não atingirem o limiar mínimo de condições da prática da Educação Física são dispensados. Fazer ou não fazer a disciplina parece não ter muita diferença no contexto da formação do indivíduo ou do profissional.

Levando mais adiante o raciocínio pode-se fazer outras perguntas. Quem trabalha, e a lei não especifica o gênero de trabalho, será que não está necessitado de Educação Física? O trabalhador braçal, por exemplo, cujo esforço o desgasta fisicamente e, muitas vezes, o obriga a movimentos repetitivos e deformantes, não estaria precisando de uma Educação Física que se voltasse especificamente para situação? E Educação Física poderia consistir, e não ve

jo porque não, em exercícios relaxantes, ou de respiração, ou de posturas tranqüilizantes, ou de movimentos que reequilibrem o corpo contra as deformações dos movimentos operacionais dos trabalhos produtivos e mecânicos. Em resumo, a Educação Física poderia pensar um conjunto de atividades capazes de eliminar tensões físicas e psíquicas, fazendo com que o corpo se movimente harmonicamente dentro de suas características próprias.

É importante lembrar, embora banal, que a sociedade com toda a complexidade de suas instituições e desenvolvimento cultural, está exigindo do trabalhador, em cada gênero de atividade, um determinado conjunto de movimentos, posturas físicas e mentais, gestos, atitudes e dispêndios de energia que são constantes, repetitivos e unilaterais. O indivíduo, portanto, não é exigido na sua totalidade e, muito menos em sua globalidade harmônica. Tais situações ou movimentos unilaterais e repetitivos produzem deformações físicas e complicações psicológicas - questões já denunciadas por Charles Chaplin em seus filmes sobre os tempos modernos. Não estaria aqui, também, um espaço fundamental da Educação Física? Ou será função da Fisioterapia? E por que a Educação Física não deve ser, enquanto atividade educativa, uma verdadeira Fisioterapia preventiva? Uma das funções específicas da Educação Física, penso eu, deve ser a de uma Fisioterapia preventiva, na exata medida em que consegue fazer com que os indivíduos saibam viver corporalmente. Sendo assim, a Educação Física deveria produzir uma série de movimentos e posturas capazes de recuperar o equilíbrio abalado por atividades e posturas monótonas, geradas pelas especialidades profissionais e impostas pelo nosso sistema de desenvolvimento científico e tecnológico. A Educação Física poderia se valer da ciência do movimento corporal nas atividades produtivas, ou nas atividades restauradoras da manutenção do equilíbrio corporal.

O princípio do uso do corpo deve ser substituído pela idéia de ser corpo, isto é, de viver o corpo, de sentir-se corpo. Não são um EU ou uma CONSCIÊNCIA, os proprietários de um corpo, do qual se servem e fazem o uso que bem entendem como qualquer utensílio. A corporeidade, seguindo o pensamento de Maurice Merleau-Ponty, deve estar incluída na compreensão da consciência e do eu. O eu ou a consciência são corporeidade. Não são realidade transcen-

dentais residindo num corpo. Pode-se, assim, explicitar e reformular o princípio antropológico da corporeidade, afirmando que o eu se sente e se vive como corpo, em lugar de afirmar que o eu tem um corpo. Talvez, se pudesse inverter o enunciado dizendo que o corpo se manifesta como um eu. Ou ainda, pode-se dizer que o eu vive o corpo e vive corporalmente, em lugar de dizer que o eu usa o corpo ou o eu ocupa o corpo.

A Educação Física passa a ensinar e a ajudar viver e sentir-se corporeidade. este objetivo passaria a ser fundamental na Educação Física, na medida em que ele é o suporte básico do próprio modo de ser do homem. Para ser mais claro, pode-se dizer que todo indivíduo se percebe e se sente como corporeidade. É na corporeidade que o homem se faz presente. A dimensão da corporeidade vivida, significativa e expressiva caracteriza o homem e o distancia dos animais. Todas as atividades humanas são realizadas e visíveis na corporeidade. A própria divindade, em todas as tradições teológicas, precisou tornar-se corporeidade para fazer-se visível, existencial. Tornar-se significa assumir em seu modo de ser a realidade assumida, isto é, a corporeidade. Assim, o homem em todas as suas funções e vivências precisa ser corpo, o que é bem diferente dizer que precisa do corpo. Isto porque a humanidade do homem se confunde com a corporeidade. A antropologia que caracteriza no Eu e na Consciência a realidade humana transforma o corpo em algo exterior ao homem ou em propriedade objetivada. O ser humano é corporeidade. Esta perspectiva antropológica pode ser, de uma maneira clara e profunda, percebida na totalidade da obra de Maurice Merleau-Ponty. Sem dúvida, ele inaugura um dado antropológico da corporeidade, que não significa reducionismo, nem somatório, dos dois elementos dualistas da realidade humana. Ele compreende o homem como um todo, apreendido a partir do próprio modo de ser do homem e pela maneira como cada um se percebe a si mesmo. Merleau-Ponty não exclui, mas também não se fundamenta no princípio da possibilidade da vida divina no homem, como é colocado pelas teologias; e também não parte de uma consciência transcendente, como pretendem as filosofias metafísicas. O homem é essa realidade que se manifesta e que se expõe diariamente às óticas abrangentes nos campos perceptivos, através da infinidade de suas possibilidades expressivas ins-

tauradas pela dinâmica da corporeidade. O homem é uma autoconstrução corporal.

Dentro desta ótica antropológica fica fácil observar que todo o sistema de relações humanas está construído na e pela corporeidade. O fundamento da presença do humana ou do fenômeno humano acontece na corporeidade significativa e expressiva em direção ao outro. É no universo da corporeidade que se instaura a subjetividade e a intersubjetividade, não apenas como meros movimentos contactuais, mas como gestos significantes. Na medida que nós vivemos a corporeidade ou nos sentimos corpo, nos tornamos significativos a nós mesmos e aos outros. Assim os mundos da subjetividade e da intersubjetividade tornam-se gênese da vida e da convivência expressiva. Somos significativos e passamos a ser significativos para os outros, o que produz a comunicação. Um se torna visível e compreensível ao outro. O gesto e a palavra são os amplificadores do universo significativo, isto é, do universo humano. O corpo e seus movimentos estão sempre no centro de toda e qualquer manifestação e possibilidade expressiva.

Com isto, pode-se concluir que a Educação Física faz parte do complexo mundo criado pelo homem através da compreensão de si mesmo, da corporeidade e de seus movimentos. Constatamos, hoje, que o homem não se compreende como um corpo, mas sim como possuidor de corpo, herança bem documentada desde Platão; confirmada pelos medievais e modernos; e assumida com todas as suas conseqüências pela cientificidade e tecnologia contemporâneas.

Nesta conclusão, tentando apresentar um resumo, pode-se traçar duas linhas opostas e extremas dentro das quais é possível construir alternativas opcionais em vista às opções para a fundamentação teórica e prática da educação física. Sob o aspecto antropológico, o homem pode ser considerado como um ser dual, formado de duas partes separáveis e possível de serem acionadas autonomamente; ou pode-se pensá-lo como uma totalidade indivisível e que age sempre como um todo. Pode-se, também, pensar o homem como uma consciência ou alma que possui corpo ou que usa o corpo, mas é possível, contrariamente, pensar o homem como corporeidade, como raiz de todas as manifestações humanas. O homem pode ser tratado a partir do homogêneo, do comum e do semelhante, ou conforme suas parti

cularidades, das heterogeneidades e das diferenças.

A Educação Física poderá desenvolver a idéia de corporeidade como instrumento a ser exaurido em função de idéias de outra ordem, ou compreender o corpo como elemento básico humano que deve ser desenvolvido, construído e respeitado ao mesmo nível de todas as dimensões humanas. A Educação Física pode adotar uma filosofia que tenha como princípios o rendimento, a competição e o confronto, onde a meta única é vencer para proclamar sua superioridade; ou, então, desenvolver uma filosofia através da qual as atividades corporais são vividas como lazer, gesto, harmonia, arte e espetáculo. Observa-se, com isto, que as linhas filosóficas e pedagógicas da Educação Física, como todas as atividades educativas, podem estar não só limitadas pela rigidez dos determinismos mecânicos dos sistemas produtivos, mas também podem desenvolver-se na imensidão da liberdade, da imaginação e da criatividade humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BRASIL. Leis, decretos, etc. DECRETO-LEI 69.540/71. Fixa a obrigatoriedade da Educação Física em todos os graus de ensino e dá outras providências. D.O. de 3/11/71.
- 2 LEVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.